

brasil, canteiro de obras: relações entre trabalho e literatura

O ponto de partida do dossiê **As mãos das obras** foi os 90 anos de publicação de *Parque industrial*, de Patrícia Galvão, e *Cacau*, de Jorge Amado. Nos últimos anos, a figura de Pagu – como lhe apelidou Raul Bopp – ganhou algum destaque nas discussões feministas, mas *Parque industrial* em si permaneceu um tanto obliterado, ainda que, recentemente, tenha movimentado o mercado editorial com novas edições. Já *Cacau* parece ter sido soterrado pela vasta obra amadiana que o sucedeu. É possível que, historicamente, a crítica tenha guardado certo distanciamento por este ser, nas palavras do autor, um de seus “cadernos de um aprendiz de romancista”. Mas é também verdade que *Cacau* carrega a pecha do panfleto político ao testemunhar o jovem e ainda inexperiente escritor recém ingressado na militância comunista. Assim, seja qual for o motivo, o romance parece ter sido observado com menos atenção pela crítica, que apresentou, ao longo do tempo, raros estudos vultosos sobre a obra e só recentemente apareceram pesquisas de mais fôlego. Ambos os romances foram publicados em 1933, e, por vias distintas, buscaram se filiar à estética proletária – o primeiro se nomeando “romance proletário” desde a capa e o segundo anunciando em uma pergunta sugestiva que depois se tornaria emblemática: “será este um romance proletário?”. Assim, os romances parecem ganhar interesse não apenas por se fazerem expressivos de um momento importante para o romance brasileiro, mas, principalmente, por buscarem soluções do seu tempo para problemas que se anunciavam desde muito: como representar o trabalhador brasileiro? Como representar esse *outro* de classe?

Pelos limites evidentes que uma literatura orientada por certo caráter didático, panfletário e ideologizante tem, a literatura proletária acabou caindo em um “ostracismo” crítico – sem que fosse, muitas vezes, sequer lida. Assim, seu interesse hoje pode partir, primeiramente, de uma investigação histórica, mas se dá também pelo papel desempenhado no sistema da literatura brasileira que se realizou durante os anos de 1930 e reverberou até os anos de 1950. Em um momento em que tendências ideológicas parecem querer reinventar o mundo de modo maniqueísta, parece interessante chamar atenção para produções complexas e fortes em suas falhas e contradições.

Deste ponto de partida, pensamos que investigar a literatura de estética proletária poderia abrir um caminho para pensar mais amplamente sobre *o proletário*. Ao pé da letra, este seria um trabalhador das indústrias da cidade. Todavia, visto que a economia centrou-se muito tempo somente nos gêneros agrícolas, a industrialização foi lenta e tardia e as próprias cidades nunca tão modernas à maneira das europeias, quem seria o proletário ou, mais amplamente, o trabalhador urbano na literatura brasileira? O romance de Pagu traz trabalhadoras dos bairros operários de São Paulo, constituindo uma ambientação urbano-industrial mais condizente com as expectativas de tal estética; *Cacau*, por outro

lado, já mostra certa ambiguidade – profundamente nacional – com relação à divisão do trabalho rural e urbano, visto que o protagonista vacila entre uma indústria têxtil em Sergipe, o eixo do cacau sul baiano e outra experiência de trabalho como tipógrafo-militante ambientado no Rio de Janeiro, então capital nacional. Tal amálgama brasileira, o entrelaçamento complexo entre o rural e o urbano, a continuidade problemática de um passado escravocrata e um futuro conduzido por princípios liberais, já possui uma robusta bibliografia histórica e sociológica. Nossa curiosidade, então, como críticos literários em formação partiu das seguintes questões: na literatura, quem é o trabalhador brasileiro das cidades? Como ele aparece, postas tais particularidades espaço-temporais que, uma vez mais, não permite o contentamento com uma definição simplificada ou típica de “proletário”?

O Regionalismo e suas obras em que figuram um “Brasil profundo”, ambientadas no universo rural, já dispõem, com efeito, de uma densa fortuna crítica. Nossa intenção com este dossiê, portanto, era a de colocar questões crítico-literárias que tivessem como ponto de vista o ambiente urbano e o trabalho que nele se dá: como são, na nossa literatura, esses encontros entre o trabalho urbano e assalariado, a cidade, a economia liberal e neoliberal com o trabalho rural, a produção e exportação agrícola, as heranças da colonização e da escravidão? Se fizermos nossa investigação da “botânica do asfalto”, como sugere Walter Benjamin, quem são os nossos trabalhadores da cidade? Como são absorvidos no trabalho urbano os ex-escravizados após 1888? Como aparecem os trabalhadores que não podem se dizer proletários porque não laboram em indústrias ou porque não são contemplados com a definição do trabalho assalariado regular previsto na CLT? Se a CLT é só instituída em 1943, como se dão os diferentes tipos de trabalhos que constroem a cidade e em que chave de interpretação aparecem nas obras literárias? Que sinal de valor o trabalho urbano adquire em nossas obras? Com o avanço do neoliberalismo, há espaço na literatura brasileira contemporânea para esses novos trabalhadores autônomos precarizados que estão no cotidiano das mais diversas cidades?

Sem dúvida, o interesse deste dossiê traz consigo ecos do atual momento histórico brasileiro. Após intensos anos de destruição e desmoralização dos direitos sociais, das instituições, da política, das universidades e da cultura nacional, o espírito agora parece ser o de reconstrução. Nesse contexto, direcionar o olhar aos trabalhadores na literatura é também, de certa forma, imprimir a visão de 01 de janeiro de 2023, quando um ex-operário sindicalista de 76 anos levou consigo trabalhadores diversos ao subir a rampa do Palácio do Planalto pela terceira vez. A cena composta por uma catadora de materiais recicláveis, por um metalúrgico e DJ, um professor, uma cozinheira, um artesão etc. quer fazer lembrar um país, ao passo que também parece indicar um novo Brasil, diverso em suas muitas mãos.

Não foi e não é nossa intenção responder diretamente a tais questões, mas propor um espaço para apresentá-las e debatê-las. Tentamos, ao longo de todo esse número, diversos caminhos para contemplar tais investigações: a imagem da **capa**, feita com as notáveis tintas e pinceladas de Manuela Navas, tenta por exemplo trazer um espaço ambíguo, que poderia ser tanto de uma grande cidade, quanto de um rincão escondido, e a representação do vendedor de frutas parece condensar a estranheza e a complexidade do trabalho urbano-rural-precarizado, profundamente brasileiro. Toda a **parte visual** foi resultado da colaboração de três artistas – Manuela Navas, Vitor Rocha e William Mur – que, cada um à sua maneira,

trouxeram vários trabalhadores para nossas páginas: vendedores de fruta, vendedores de sorvete na praia, cabeleireiras, costureiros, entregadores, motoristas de carro por aplicativo, vendedores de pequenos comércios, manicures, trabalhadoras domésticas, cobradores de ônibus, cozinheiros etc.

O **dossiê temático** é composto de 7 artigos, avaliados por pareceristas *ad hoc* em duplo-cego, que se propuseram diretamente discutir sobre os trabalhadores na literatura nacional: o trabalho precarizado nos versos de Ruy Proença; a representação dos trabalhadores na peça *Canção Indigesta*, do grupo Engenho Teatral; a discussão do romance urbano em *Caminhos Cruzados* de Érico Veríssimo; o trabalho do professor nos romances de Jeferson Tenório; a prostituição nas representações do Mangue em Oswald de Andrade, Lasar Segall e Aurora Cursino; a figura da trabalhadora doméstica no romance de Fernando Bonassi e a figuração proletária no romance *Inferno* de Luiz Ruffato.

A **coletânea** é organizada em dois momentos. O primeiro com textos de autores convidados pelos editores a adentrar a discussão dos romances proletários e da figuração do trabalho urbano. Walnice Nogueira Galvão e Antoine Chareyre falam, justamente, de Pagu e *Parque industrial* e Edvaldo A. Bergamo versa sobre *Cacau*. O segundo momento apresenta duas resenhas que discutem livros críticos de muito interesse, *Valise de cronópio* de Júlio Cortázar e *João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada* do Jacques Rancière.

Entrevistas se abre também com um debate em torno do trabalho urbano, mas dessa vez no cinema, sobre o filme *Temporada* (2018), escrito e dirigido por André Novais Oliveira. O diretor respondeu a questões sobre a composição do longa-metragem, com foco especial na personagem Juliana, uma trabalhadora da periferia de Belo Horizonte. No curso da conversa, André comentou também sobre suas influências, sobre a produtora Filmes de Plástico e sobre filmes do cinema brasileiro contemporâneo que abordam o trabalho e os trabalhadores nas cidades e periferias brasileiras.

Segue-se uma série de perguntas sobre literatura proletária que foram respondidas por quatro professores especialistas: Daniel Bonomo (UFMG), Fabio Cesar Alves (USP), Fernando Gil (UFPR) e Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN). Tendo em vista o pouco material disponível e as poucas oportunidades de se falar sobre o tema, tentou-se aqui constituir uma contribuição que ajudasse futuros pesquisadores e alimentasse o debate contemporâneo em torno da estética proletária, do romance de 1930, da figuração do trabalho e do trabalhador na literatura brasileira.

Por fim, **Entrevistas** se encerra com um material trazido por Tatiane Felipe Santana Bovolato que colocou perguntas à professora Lúcia Granja sobre sua trajetória na pesquisa sobre Machado de Assis, principalmente no que concerne à face cronista e jornalista do célebre escritor fluminense.

Tema livre, por sua vez, traz outras importantes discussões sobre literatura brasileira que, no entanto, não se restringem ao tema dos trabalhadores. Há contribuições diversas e interessantes por meio de 6 artigos avaliados por pareceristas *ad hoc* em duplo-cego, que abordam: a força dos tempos na construção do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum; a Ditadura Militar no Brasil dentro dos contos de Ignácio de Loyola Brandão; o letramento e a figura do leitor em Machado de Assis; a presença ou a falta da comida em obras de Marilene Felinto, Pagu, Carolina Maria de Jesus e José Falero; o conceito de “oração literária” em

“Vozes d’África” de Castro Alves; e ainda o conceito de “idílio”, de Jean-Paul, em *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade.

Criação literária está recheada de textos diversos – poemas, contos e crônicas – de autores das mais variadas formações e lugares do país. Alguns autores também se inspiraram no tema principal da edição e trouxeram suas visões sobre o lugar do trabalho em nossas vidas e sobre os trabalhadores brasileiros.

Por fim, **Traduções**, seção que teve Rafael Bonavina como editor, traz quatro textos russos vertidos para o português que ajudam a compor a visão e a discussão sobre o realismo socialista, o que guarda relação estreita com a estética proletária discutida em outros momentos nesta edição. Dois textos de Maksím Górkí, um de Leon Trótski e outro de Mikhail Bulgákov, sob o esforço de quatro talentosos novos tradutores, trazem um painel rico sobre adesões, polêmicas e disputas em torno das diretrizes oficiais que a literatura e as produções artísticas recebiam na URSS.

Fica, para concluir, nosso mais sincero agradecimento a todos os pesquisadores que enviaram seus artigos e resenhas, aos professores convidados, entrevistados, artistas visuais, poetas, cronistas e contistas que colaboraram conosco para construir uma edição tão bonita da *Opiniões – Revista dos alunos de literatura brasileira*. E reiteramos nosso agradecimento a Comissão Editorial da revista, sobretudo a Rafael Bonavina, por nos terem apoiado e ajudado nesse intenso trabalho.

Boa leitura!

Gabriela Lopes de Azevedo e
Tiago Salomon Bezerra Mouallem